RESSIGNIFICAÇÃO DA MÁ-FÉ NO SETTING TERAPÊUTICO A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DE JEAN-PAUL SARTRE

Alysson da Silva Lopes[1]

RESUMO: A má-fé é um conceito sartreano que surge perante a angústia no mundo. O sujeito livre em sua constituição ontológica tem sempre que escolher, ele está sempre se fazendo, sempre está por se realizar. Ao optar por não fazer escolhas ele recorre a má-fé, buscando ser a maneira do ser em-si. Através da compreensão da psicanálise existencial sartreana, o indivíduo pode dar-se conta dessa sua liberdade e responsabilidade diante de si e do mundo e compreender que a angústia é a captação dessa liberdade que ele busca fugir. Foi utilizado o método bibliográfico para se realizar a pesquisa de alguns conceitos importantes baseados na fenomenologia sartreana, a fim de se pensar em um atendimento clínico a partir de seus pressupostos.

Palavras-chave: Angústia. Má-fé. Ontologia. Liberdade. Psicanálise-existencial.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade percebe-se um movimento cada vez mais frequente pela procura da psicoterapia, diante de um mundo cada vez mais moderno e frenético, lidar com todas essas mudanças, de uma só vez, pode causar um grande desconforto, que denominamos angústia. Não conseguimos nomear o que nos aflige, não entendemos muitas vezes o que, o porquê e nem para quem estamos realizando certas tarefas, e de repente nos percebemos desconexos, sem perspectiva, numa espécie de vazio, não encontrando sentido para nossa existência. E nesse movimento de fugir de sua própria angústia o homem se nulifica para escapar de sua própria liberdade e responsabilidade frente as decisões no mundo, ele esconde a verdade de si mesmo para não fazer escolhas, nulificação essa chamada de má-fé para o filósofo existencialista Jean-Paul Sartre (SARTRE, 2015).

Para Sartre (2015), somos liberdade, o que implica que nosso fundamento existencial é liberdade, e diante dela advém nossa responsabilidade de sempre ter que escolher quais condutas seguir. Diante do que ele chama de facticidade, às adversidades do cotidiano, resistências e, além disso, os inúmeros aparatos que fornecem infinitas possibilidades de escolhas para que o homem possa transcender para continuar existindo o angustia. Veremos à frente mais profundamente que lidar também com essas escolhas pode levar o homem a se nulificar, levando-o a fugir de sua responsabilidade e de sua liberdade. Tendo dificuldade em

[1] Psicólogo, pós-graduando em Problemas Fenomenológicos e Hermenêutica pela Faculdade Unyleya. E-mail: Alysson.s.f.n@gmail.com.

lidar com essas problemáticas, ele recorre a má-fé, que seria uma forma de escapar de tudo isso sem assumir sua responsabilidade frente às adversidades (COX, 2011); temos de escolher o tempo todo, até mesmo ao não escolher estamos fazendo uma escolha (SARTRE, 2015).

A má-fé é uma forma de mascarar um erro, ou tentar tornar verdade um erro que lhe foi agradável, pode-se dizer que ele mente para si mesmo, porém ele não faz inconscientemente, há uma intenção em seus atos, esse projeto de má-fé se apreende de maneira pré-reflexiva (SARTRE, 2015). Aceitando o fato de que o homem mente para si mesmo para fugir de sua angústia, a investigação que se segue tenta esclarecer, não de forma fechada como uma investigação pronta, o entendimento de que o homem nunca *é*, ele é sempre um *sendo* pois, para Sartre, o homem busca sempre ser aquilo que é, mas a consciência somente pode ser o que não é, estando sempre transcendendo a si mesma.

A partir dessas observações, sob o viés investigativo da fenomenologia sartreana, procurou-se entender de que forma o cliente chega no setting terapêutico queixando-se de um sofrimento emocional e, a partir desse entendimento, perceber como ele pode dar-se conta de seu projeto de má-fé e como a sua psicanálise existencial, que é um método de entender esse homem concreto no mundo, poderá ajudar o cliente, para que dessa maneira, durante o processo psicoterápico, o indivíduo possa entrar em contato com suas próprias questões e caminhar para sua autenticidade, desfazendo seu projeto de má-fé.

Portanto, a partir da fenomenologia sartreana, tem-se como objetivo geral entender como se realiza a desconstrução da má-fé do cliente no setting terapêutico, entendendo alguns conceitos como angústia, má-fé, liberdade, e seu método compreensivo, que foi por ele nomeado de psicanálise existencial. A partir desses pressupostos, então, iniciou-se a pesquisa.

1 RESSIGNIFICAÇÃO DA MÁ-FÉ NO SETTING TERAPÊUTICO A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DE JEAN-PAUL SARTRE

O filósofo existencialista Jean-Paul Sartre (1905-1980), foi estudante na École Normale Superière, e colaborou na tradução do livro *Psicopatologia geral,* de Karl Jaspers[2], obra que teve grande influência na vida do filósofo. Jaspers (1883- 1969) diz que a vida é sempre uma abertura para o futuro e via o homem sempre inserido em algum contexto que o

[2] Karl Jaspers (1883-1969) nasceu em Oldenburg, cidade alemã próxima ao litoral do Mar do Norte. Escreveu seu Psicopatologia Geral em 1913, onde rompe com os moldes tradicionais da medicina, tendo como influencia a fenomenologia de Martin Heidegger.

ajudasse a construir seu projeto de ser, esse projeto de ser é um termo usado por Sartre, que mais tarde discute acerca de estudar o homem em situação, olhando o homem em vários aspectos da vida social, a fim de chegar ao homem em sua concretude, como ele é a partir de suas construções vividas dentro de um contexto histórico e social. Desse modo, tendo uma certa influência do psiquiatra alemão, que rompeu com o modelo tradicional, entendendo que o homem adoece em suas relações com o meio social, Sartre começa então a pensar numa maneira de entender esse homem real sem os rótulos que a ciência positivista traz (SCHNEIDER 2011).

O homem ainda é separado em dualismos, mente-corpo, aparência-essência, como então compreender esse homem que reclama cada vez mais de uma dor desconhecida, de um vazio que não é preenchido, de se sentir muitas vezes preso numa espécie de dormência existencial, mesmo diante de tantas possibilidades de consumo? Se não puder entendê-lo em situação, como ter um entendimento de sua dimensão existencial sem compreender integralmente todos os seus fenômenos?

Entra então o papel da psicologia, o lugar da escuta, uma escuta diferenciada, atenta aos mínimos detalhes, atenta as falas que passam despercebidas em meio a grande barulheira social. No consultório de psicologia ou setting terapêutico as pessoas têm oportunidades de falar, colocar para fora seus medos, tristezas, anseios, angústias, ansiedades, transtornos generalizados e outras questões que os aflige. E então falando-se de psicologia, fala-se de uma pluralidade de abordagens, todas propondo métodos eficientes, capazes de ajudar esse indivíduo cada vez mais adoecido, mas essas abordagens de fato compreendem esse indivíduo? Ou ainda seguem a herança descartiana[3] dicotomizando esse sujeito? A pergunta lançada por Sartre no início de sua obra publicada em 1943 ainda nos atravessa, é ainda muito atual no nosso cotidiano, mesmo com toda evolução científica:

> O pensamento moderno realizou progresso considerável ao reduzir o existente à série de aparições que o manifestam. Visava-se com isso suprimir certo número de dualismos que embaraçavam a filosofia e substituí-los pelo monismo do fenômeno. Isso foi alcançado? (Sartre, 2015, p.15).

[3] Referência a René Descartes (1596 - 1650) foi um filósofo, físico e matemático francês. Autor da frase: "Penso, logo existo". É considerado o criador do pensamento cartesiano, sistema filosófico que deu origem à Filosofia Moderna.

Incomodado com as insuficiências da psicologia e do psicologismo, o filósofo e matemático Edmund Husserl (1859-1938) funda então a fenomenologia[4], com isso ele lança a noção de intencionalidade, em que "toda consciência é consciência de alguma coisa. Significa que não há consciência que seja não posicionamento de um conteúdo transcendente[...]" (SARTRE, 2015. p.22), a consciência é consciência de algo, ela sempre se remete a um objeto, a consciência sempre se lança para fora dela mesma, essa noção de intencionalidade foi importante para Sartre construir sua base epistemológica.

Mas como então a psicologia pode ajudar esse homem hodierno que traz até o consultório todos esses infortúnios de sua vida? Para poder ajudar esse indivíduo de forma mais eficaz é necessário entender ele de forma concreta, e foi o que fez Sartre. Utilizando-se do método fenomenológico, Sartre pretende superar impasses gerados na filosofia, epistemologia e psicologia para, dessa forma, criar uma psicologia que possa compreender o indivíduo em sua inteireza, sem criar um rótulo para o sujeito, e que possa ver o homem como ele realmente é, e para isso teria que ser de forma concreta, o que o leva à criação um método de investigação que pudesse escavar o mais fundo possível da consciência humana. E é através da sua fenomenologia que ele cria a psicanálise existencial, que visa compreender o movimento do homem no mundo de forma objetiva (SCHNEIDER 2011).

A psicologia foi a outro patamar, agora o homem seria visto em sua concretude através dos seus fundamentos ontológico[5] e antropológicos[6] (SCHNEIDER, 2011).

No seu Esboço para uma teoria das emoções, Sartre critica o modo como os psicólogos encaram o ser humano, atentando-se somente a observação dos fatos, um fato para Sartre se define como:

> [...]algo que se apresenta sempre como um enriquecimento inesperado e uma novidade em relação aos fatos anteriores. Portanto, não se deve esperar pelos fatos que eles se organizem por si mesmos numa totalidade sintética que forneceria por si mesma sua significação. (SARTRE, 2008, p.14).

Olhando apenas os fatos isoladamente não se tem como chegar à essência do homem. Procurando causa e efeito, deixando de se ater ao essencial na observação apenas dos acidentes não se tem como entender o sujeito em sua totalidade, nem compreender os

[4] Segundo Husserl, a tarefa da fenomenologia é tematizar, ou seja, sair da esfera da simples descrição dos objetos imediatamente dados para alcançar seu modo de ser mais originário, buscar a verdadeira essência das coisas. (SARTRE, 2015, p.82).

[5] A Ontologia remete ao estudo do ser, para poder explicitar as estruturas do ser em sua totalidade recorremos ao estudo da ontologia. (SARTRE, 2015, p. 379).

[6] A Antropologia é disciplina que visa definir a essência do homem e a condição humana. (SARTRE, 2008, p.14).

fenômenos que ocorrem sem buscar entendê-lo em sua completude existencial (SARTRE, 2008).

2 A ONTOLOGIA FENOMENOLÓGICA EM JEAN-PAUL SARTRE

Quando Sartre propôs sua psicanálise existencial ainda não existia a disciplina de psicologia clínica, nos anos 1930-1940 o modelo vigente de clínica que fugia dos moldes da psiquiatria, era a psicanálise, portanto foi a nomenclatura que o filósofo francês achou mais coerente no momento para designar seu método de investigação clínica (SCHNEIDER, 2011).

Dessa forma, tem-se uma grande mudança no cenário da psicologia, Sartre se preocupa em como viabilizar uma prática clínica para sua psicanálise, que apesar de não ter se concretizado, deixou uma gama imensa de numerosos estudos sobre psicologia para a humanidade (SCHNEIDER, 2011).

A partir dos estudos sartreanos, levantamos as seguintes questões: em que momento de sua existência o indivíduo questionaria e se afetaria com o modo como encara sua existência? De que maneira esse indivíduo poderia romper com fenômeno da má-fé e ir procurar psicoterapia? Vamos procurar de forma breve investigar quando se daria esse acordar da consciência sobre essa questão.

Para o entendimento de como aconteceria então esse despertar, é necessário entender, mesmo que de forma breve, algumas noções acerca da ontologia-fenomenológica de Jean-Paul Sartre.

3 ESSÊNCIA E APARÊNCIA DO FENÔMENO

Para o existencialista, divergindo de Husserl, existe uma diferença essencial entre o fenômeno de ser e o ser do fenômeno; o fenômeno de ser seria o que dá sentido as coisas, já que a consciência é sempre intencional, ela sempre está se remetendo para fora dela mesma para dar sentido ao mundo. Dessa forma, o que temos como ser do fenômeno são os objetos, as coisas que são por elas mesmas em si, o ser em-si é opaco, sem vazio, ela só ganha sentido a partir da relação que uma consciência estabelece com ela; dessa maneira nossa consciência sempre buscará dar sentido às coisas para que o mundo faça sentido para ela, ela sempre se lançará para fora dela mesma em sua translucidez (Sartre, 2015).

4 SOMOS NEGATIVIDADE

Outra concepção importante para se entender o movimento existencial é entender que somos negatividade, não no sentido moral, mas sim ontologicamente, somos nada, nos lançamos no mundo a partir do nada, somos uma consciência lançada para fora, que Sartre chama de para-si, ela é o contrário do que ele chama de em-si, um ser completo, pura positividade, fechado em si mesmo (POVOAS, 2005). Para o filósofo, somos nada, nossa relação com o mundo sempre nos lança a uma interrogativa, indagamos porque desejamos conhecer as coisas, os objetos, tudo que nos rodeia para criar uma significação, a interrogação corresponde à espera do ser interrogado, e não sabemos se a resposta será afirmativa ou negativa, porém mesmo que não seja respondida com um não, poderá ser respondida com um "nada", "ninguém" ou "nunca." (SARTRE, 2015, p.45).

Deste modo, a interrogação, sendo uma ponte lançada entre dois não-seres, pode gerar angústia também por uma resposta positiva, sendo aquela que instaura uma identidade, também é uma negação de tudo aquilo que não faz parte de sua identidade (ontologicamente falando). Por exemplo: 1) O que eu sou? 2) Não sou um animal. 3) Sou um homem (consequentemente: não sou um animal, não sou uma mulher, não sou um desenho, não sou um robô... A negação pela afirmação é de onde vem a angústia da "outra opção que decidi não escolher").

> Assim, a interrogação é uma ponte lançada entre dois não-seres: o não-ser do saber, no homem, e a possibilidade de não-ser, no ser transcendente. Por fim, a pergunta encerra a existência de uma verdade. Pela própria pergunta o investigador afirma esperar resposta objetiva, como se lhe fosse dito: "É assim e não de outro modo". Em suma, a verdade, a título de diferenciação de ser, introduz um terceiro não-ser como determinante da pergunta: o não-ser limitador. Tríplice não-ser que condiciona toda interrogação e, em particular, a interrogação metafísica - que é *nossa* interrogação (SARTRE, 2015, p.45).

Dessa forma, ao interrogar é possível termos também uma resposta negativa e essa resposta também leva a existência do nada como não-ser, por isso Sartre declara que somos um ser em falta, a negação é encontrada na origem do nada, portanto somos um nada esperando por respostas, sempre nos lançando ao mundo (POVOAS, 2005). Somos então um ser em falta, para Sartre somos um ser que não é o que é e é o que não é, o que buscamos está fora de nós, está no mundo (PÓVOAS, 2005). Dessa forma, o existencialista afirma:

> A realidade é sofredora em seu ser, porque surge no ser como perpetuamente impregnada por uma totalidade que ela é sem poder sê-la, já que, precisamente, não poderia alcançar o Em-si sem perder-se como Para-si. A realidade humana, por natureza, é consciência infeliz, sem qualquer possibilidade de superar o estado de infelicidade (SARTRE, 2015, p.141).

Com isso, Sartre afirma que somos seres em falta e que o sentido de nossa existência se dará a partir da relação que tivermos com o mundo, portanto devemos nos lançar e buscar o sentido para nossa existência, nossa consciência é transcendente, sempre se lançando aos objetos, ao mundo, através da intencionalidade captamos o mundo, toda consciência é consciência de alguma coisa, cabe, portanto, a nós mesmos acharmos uma forma de nos relacionarmos com o mundo (SCHNEIDER, 2011).

5 AFIRMANDO A LIBERDADE

Algumas pessoas chegam ao consultório afirmando que nasceram de tal maneira, e que suas vidas são guiadas de um jeito que não há escolha, apenas seguem as diretrizes do destino, elas dizem que é assim e pronto, falam a maneira de um ser em-si. Porém, Sartre desconstrói afirmativas como essa ao explicar que somos livres, somos liberdade. O existencialista dá o entendimento de que liberdade é essa que nós seres humanos possuímos.

> A realidade-humana é livre porque não é o bastante, porque está perpetuamente desprendida de si mesmo, e porque aquilo que foi está separado por um nada daquilo que é e daquilo que será. [..] O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser.[...] para a realidade humana, ser é escolher-se: nada lhe vem de fora, ou tampouco de dentro, que ela possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonada, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se ser até o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser.[...] O homem não poderia ser ora livre, ora escravo: é inteiramente e sempre livre, ou não o é (SARTRE, 2015, p.545).

Dessa forma, Sartre nos diz que se fôssemos à maneira do ser em-si, fechados em si mesmos, não seríamos livres, contudo, por não sermos fechados, por ser translúcidos, transcendentes, somos livres, temos que continuamente nos fazermos, nos escolhermos, dessa forma, ele diz que temos essa condição de liberdade e que inevitavelmente somos condenados a essa liberdade: “Estou condenado a existir para sempre Para-além de minha essência, Para-além dos móbeis e motivos de meu ato: estou condenado a ser livre.” (SARTRE, 2015, p.543).

A partir disso, tendo que escolher-se, ser responsável pela sua existência, dar sentido às coisas acarreta em uma grande responsabilidade, pois ao escolher para ele, suas

condutas passam a ser modelo também para outras pessoas, futuras gerações, etc., dessa forma, o homem tem que refletir sobre qual ação tomará. Como afirma o existencialista, a liberdade implica responsabilidade, "Assim, nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela envolve a humanidade como um todo". (Sartre, 2017, p.21). Com isso, Sartre diz que quando escolhemos nossa representação no mundo estamos sendo muitas vezes modelos de condutas para outras pessoas, isso dentro de um lar, empresa, comunidade, país, etc. O homem cria uma imagem que pode inspirar muitas outras pessoas, por isso ele não é responsável apenas por si mesmo.

Sendo o indivíduo livre e tendo que escolher, recai sobre seus ombros uma grande responsabilidade; diante disso surge o que Sartre nomeia de angústia, esse talvez seja o primeiro contato de algo que desponta no âmago de seu ser, que move o sujeito a procurar psicoterapia. Necessitando nomear, falar sobre esse sentimento, o sujeito já cansado de sempre encontrar as mesmas respostas vazias, recorre ao setting terapêutico, afim de encontrar sua própria resposta, não mais uma resposta fabricada, e sim uma resposta autêntica que parta dele mesmo.

> Daí que minha liberdade é o único fundamento dos valores e *nada,* absolutamente nada, justifica minha adoção dessa ou daquela escala de valores. Enquanto ser pelo qual os valores existem, sou injustificável. E minha liberdade se angustia por ser o fundamento sem fundamento dos valores. Além disso, porque os valores, por se revelarem por essência a uma liberdade, não podem fazê-lo sem deixar de ser "postos em questão", já que a possibilidade de inverter a escala de valores aparece, complementarmente, como *minha* possibilidade. A angústia ante os valores é o reconhecimento de sua idealidade (SARTRE, 2015, p. 83).

Essa angústia[78] inquieta o homem, o faz sentir-se mal na maioria das vezes. Para fugir dessa angústia, o indivíduo transfere sua responsabilidade para o outro, para o mundo, acusa seu vizinho, seu chefe, sua esposa, marido, o destino, seja o que ou quem for pelos seus problemas. Para escapar disso, a consciência humana recorre ao que Sartre chama de má-fé, que é "[..] uma ameaça imediata e permanente a todos os projetos do ser humano". (COX, p. 121).

6 A MÁ-FÉ SARTREANA

[7] Para Heidegger a angústia é uma estranheza, é como não estar familiarizado com seu lar, é como "não se sentir em casa", há um rompimento da normalidade cotidiana. "O não sentir-se em casa deve ser compreendido, existencial e ontologicamente, como fenômeno mais originário", ele nasce a partir do próprio ser. (HEIDEGGER, 2015, p. 255-256).

[8] Angústia, desamparo, responsabilidade, seja em surdina, seja em plena força, constituem, com efeito, a qualidade de nossa consciência, na medida em que esta é pura e simples liberdade. (SARTRE, 2015, p. 572).

O homem sendo livre se angustia, pois tem que criar valores, seguir regras, encarar seus medos, a facticidade, então ele recorre à má-fé, afirmando uma essência pronta, negando a transformação do vir-á-ser (PÓVOAS, 2005). Na má-fé "[...] a consciência volta sua negação para si, em vez de dirigi-la para fora" (SARTRE, 2015, p. 93), costuma-se dizer, em alguns casos, que a má-fé seria uma mentira para si mesmo. Na mentira há a dualidade do enganado e do enganador, mas na má-fé o homem esconde a verdade dele mesmo, a má-fé implica nesse caso a unidade de apenas uma consciência, já que não está sendo direcionada ao outro (SARTRE, 2015).

A má-fé é uma forma de mascarar uma falta desagradável, ou tentar tornar verdade um erro que lhe foi agradável, pode-se dizer que ele mente para si mesmo, porém ele não faz inconscientemente, há uma intenção em seus atos, esse projeto de má-fé se apreende de maneira pré-reflexiva (SARTRE, 2015). A própria consciência se afeta de má-fé, dessa forma o indivíduo deixa de projetar-se, ficando limitado a desculpas que o impedem de se engajar em determinada situação.

A consciência é translúcida, diferente do ser em-si, fechado, opaco, dessa forma a má-fé seria como se a consciência estivesse perdendo sua translucidez, caminhando para algo sólido, opaco, (COSTA, 2012) mas, para estar em má-fé exige-se esforço da consciência.

> O para-si luta para ignorar a facticidade da sua situação preocupando-se com a luta para considerar transcendente sua própria transcendência[...]. Uma pessoa em má-fé evita a responsabilidade por sua situação corporificada, negando que é sua situação. Ela trata a sua situação e a si mesma como insignificantes no seu próprio ponto de vista, e considera que tudo é significativo do ponto de visto do Outro (COX, 2011, p. 131).

Agindo dessa forma, o sujeito direciona sua responsabilidade ao outro, ele busca de todas as formas mascarar sua verdade, recorrendo a má-fé. Uma consciência é sempre ultrapassada por ela mesma, sempre se lançando para fora de si mesma, suas possibilidades de transformação estão implicadas nesse processo, como foi comentado anteriormente, somos seres faltosos, a consciência busca preencher essa falta projetando-se. "O ser para-si, se projeta além do nada que ele *é*, indo em busca do que ele *não é"*. (PÓVOAS, 2005, p. 64).

Nesse movimento de ser o que ele *não é*, ele tenta escapar, foge acreditando ter resolvido seus problemas, a má-fé vai proporcionar essa solução em fuga, nessa fuga o homem se torna coisa, pois ele anula sua liberdade, transformando-se em simples joguete do destino (PÓVOAS, 2005).

Porém, ao refletir sobre sua vida, sobre sua situação e dar-se conta que somente ele é responsável pela sua existência, o sujeito se angustia, ao não ter certeza de qual conduta deve ser adotada, a angústia se instaura dentro dele mesmo, pois sozinho consigo mesmo e suas possibilidades, ele então tem que definir qual caminho seguir, dessa forma ele se vê na solidão de ter que escolher, e assim, por não saber o que fazer diante de suas possibilidades, diante do mundo, muitas pessoas recorrem à psicoterapia, para buscarem uma forma de auto se compreenderem, e então formularem uma resposta para elas mesmas (PÓVOAS, 2005).

7 A PSICANÁLISE EXISTENCIAL

No final de seu O Ser e o Nada, Sartre escreve sobre sua psicanálise existencial, onde ele propõe um método que entendesse de forma objetiva o homem em sua inteireza, compreendendo esse ser-em-situação em seus diversos comportamentos e, através dessa análise entender o real significado do projeto original desse indivíduo, que chega até o setting terapêutico queixoso, angustiado, buscando algum tipo de ajuda que possa o fazer sair desse sofrimento (SCHNEIDER, 2011).

O projeto original de cada indivíduo é o que o lança a determinada seara na vida, a um determinado fim. Mas mesmo que o sujeito alcance esse fim, ainda assim não estará terminado, pois a consciência sempre se lança para fora dela mesma, por conseguinte o homem em situação está sempre por fazer-se (SARTRE 2015). Utilizando-se da psicanálise existencial, o psicólogo poderia enfim compreender esse homem real, com seu sentido existencial, cultural e histórico, podendo, deste modo, compreender a expressão do sujeito em atos, palavras, obras, etc., que levaria sua dimensão objetiva e subjetiva para a escuta terapêutica (SCHNEIDER, 2011).

A psicoterapia existencialista tem como seu foco, expandir o horizonte do sujeito, ajudar esse indivíduo que tem no seu bojo existencial liberdade como fundamento ontológico, a trilhar pelo caminho da autenticidade, ressignificando sua existência, “a pessoa autêntica adota a tarefa de resistir continuamente à queda na má-fé que ameaça cada projeto” (COX, 2011, p. 179); sendo assim, não é possível falar de cura para essa pessoa, já que do ponto de vista existencial ela não está doente, apenas escolheu um modo de fugir de suas angústias através da má-fé, então se compreendendo seu modo de agir e seu lugar no mundo, ela estará constantemente se afirmando, se refazendo e resistindo a queda na má-fé.

> Tal psicanálise, ao atingir a compreensão da unificação irredutível do sujeito[...], possibilita o entendimento dos diversos aspectos do psiquismo do sujeito, seu movimento no mundo, bem com suas contradições de ser, seus impasses sociológicos e psicológicos que podem levar, conforme as circunstâncias, à constituição de complicações psicológicas e, mesmo, à loucura. Essa compreensão psicológica é, portanto, etapa essencial de uma intervenção clínica (SCHNEIDER, 2011, p.234).

Compreendendo ser livre, responsável por suas escolhas, caminhos e condutas, entendendo que os valores não têm sentido a priori e que cabe a ele, e somente a ele, dar sentido a esses valores, a sua existência, o indivíduo pode sair do seu estado de má-fé, saindo da psicoterapia conhecendo-se melhor, entendendo que está sempre por fazer-se, e que nada poderá determinar o sentido de sua própria vida, pois cabe a ele mesmo criar seu projeto original (SARTRE, 2014).

Através desse breve estudo, fica a seguinte fala de Sartre sobre sua psicanálise existencial, "Esta psicanálise ainda não encontrou o seu Freud" (SARTRE, 2015, p.703); sendo assim são necessários mais estudos, a fim de viabilizar uma prática clínica para sua teoria, sendo que "o consultório é um dos seus *lócus* possíveis, mas psicologia clínica é uma disciplina que não se resume a um dos seus locais de aplicação." (SCHNEIDER, 2011, p.55).

8 METODOLOGIA

Diante da temática voltada para a visão de Sartre foi imprescindível a utilização de suas obras filosóficas para a fundamentação deste presente trabalho, visto que ele foi um teórico com muitas produções escritas direcionadas aos temas da angústia, liberdade, responsabilidade, má-fé e psicanálise existencial, contribuindo, assim, para amparar a proposta levantada nesta elaboração.

Deste modo, se justifica o emprego e a necessidade de uma pesquisa bibliográfica, pois como coloca Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa científica contribui para um conhecimento mais aprofundado do assunto e uma maior investigação das hipóteses explanadas inicialmente, além de ser fundamental um estudo bibliográfico inicial para um levantamento apurado sobre o tema.

Ainda em relação a metodologia estabelecida, pudemos destacar as fases da pesquisa bibliográfica trazida também por Prodanov e Freitas (2013, p. 55) e que foram observadas no trabalho, como o levantamento preliminar do tema, a formulação do problema, elaboração do plano provisório do assunto, busca das fontes, leitura do material já produzido

pelo teórico em questão, organização lógica do assunto e redação do texto, o que engloba desde os pressupostos levantados, até a organização do artigo em torno das construções sartreanas.

Portanto, não haveria como desmembrar um trabalho voltado para a teoria de Sartre e sua aplicabilidade na clínica sem adentrar no material produzido pelo teórico, ou seja, é um trabalho que conversa o olhar fenomenológico existencial com o setting terapêutico e que visualiza o indivíduo presente no processo, mas considerando os estudos e as escritas produzidas pelo filósofo Jean-Paul Sartre.

9 DISCUSSÃO

Ao pensar na psicologia atual, nos moldes como se tem clinicamente, não somente no consultório, mas também fora dele, percebe-se a grande contribuição das teorias do filósofo existencialista, Jean-Paul Sartre (1905-1980). Pelo seu engajamento em várias áreas do conhecimento, como psicologia, filosofia e antropologia, por estudar o homem em situação e não nos depararmos com as teorias dele em sala de aula, fez-se presente o estudo em Sartre (SCHNEIDER, 2011).

O psicólogo deve observar o homem em sua concretude, como um todo, e não somente como fatos isolados, o profissional de psicologia deve atuar na prevenção de problemas sociais, como a produção social da loucura, dependência química e outros problemas sociais graves (SCHNEIDER, 2011).

Sartre rompe com a tendência racionalista de sua época, assim como o positivismo e materialismo, trazendo uma nova discussão acerca da objetividade das ciências, visto que isso não mudou da metade do século XX para cá. Alguns estudiosos vêm trazendo as teorias do existencialista para o campo da psicologia, por entender que a sociedade vive se transformando, já que é estruturada por seres humanos, que se lançam constantemente para fora de si-mesmos (SCHNEIDER, 2011). A seguinte investigação foi realizada para mostrar, mesmo de que forma tímida, a importância e a complexidade do pensamento de Jean-Paul Sartre para o terreno da ciência psicológica estudada na universidade.

Portanto, a seguinte pesquisa teve como principal interesse, pensar de maneira crítica como a psicologia encara o ser humano, e como o pensamento de Sartre poderia ajudar pessoas a encontrarem um sentido para suas existências, ou reencontrar seu projeto original.

Ainda há muito o que fazer, mas a partir desse levantamento fica o interesse de prosseguir com os estudos psicológicos a partir de uma perspectiva sartreana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditando-se na importância de compreender o fenômeno da má-fé no setting terapêutico a partir da metodologia sartreana de sua psicanálise existencial; por ser um tema pouco estudado dentro da psicologia acadêmica, essa pesquisa teve o intuito de analisar mesmo de maneira geral, como se dá o movimento existencial do cliente chegando à psicoterapia, angustiado na maioria das vezes, sem assumir ou compreender sua responsabilidade perante ao mundo e a si mesmo, e com isso investigou-se, através das leituras do filosofo francês, Jean-Paul Sartre, como então o indivíduo entende seu próprio movimento existencial, assumindo sua responsabilidade e desconstruindo o projeto de má-fé que o levou ao setting terapêutico.

A partir dessa compreensão acredita-se que novos estudos possam ser realizados nessa área, pensando na psicanálise existencial como um método que merece ser visto com mais seriedade para uma possível concretização de uma psicologia clínica cientifica na fenomenologia de Sartre, teremos um melhor suporte teórico para ajudar o sujeito a encontrar novos horizontes de sentido para sua existência, contribuindo para a melhora do indivíduo em sociedade.

O existencialista não diz em suas teses qual seria o melhor modo de vida, mas ele se engaja e procura encontrar através de seus estudos e vivências qual poderia ser uma forma de existência mais autêntica. Ele não encontra a resposta, mas deixa um legado enorme de estudos para que fosse possível o homem continuar buscando novos horizontes de sentidos e tivesse uma vida possivelmente mais autêntica escapando da má-fé.

RESIGNIFYNG BAD FAITH IN THE THERAPEUTIC SETTING FROM JEAN-PAUL SARTRE'S PHENOMENOLOGY

ABSTRACT: Bad faith is a sartrean concept that arises in the face of anguish in the world. The free subject in his/her ontological constitution has always to choose, he/she is always constituting him/herself, always is to accomplish. By choosing not to make choices, he/she resorts to bad faith, seeking to be the way of being in him/herself. Through the understanding of Sartrean existential psychoanalysis, the individual can realize his/her freedom and responsibility before him/herself and the world and understand that anguish is the capture of this freedom that he/she seeks to escape. The bibliographic method was used to carry out the

research of some important concepts based on Sartrean phenomenology, in order to think about a clinical care based on its assumptions.

Keywords: Anguish. Bad faith. Ontology. Freedom. Existential psychoanalysis.

REFERÊNCIAS

COSTA, Vítor Hugo dos Reis. **Má-fé e psicanálise existencial em Sartre**: 2012, Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Ciências Sociais e Humanas, Rio Grande do Sul, 2012.

COX, Gary. **Compreender Sartre:** 3. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2011. 91-179 p.

EBIOGRAFIA. **René Descartes.** Disponível em <https://www.ebiografia.com/rene_descartes/>. Acesso em: 17 mai. 2019.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**: 10. ed. Petrópolis: RJ Vozes, 2015. 255 - 256 p.

PERDIGÃO, ANTÓNIA CRISTINA. **A filosofia existencial de Karl Jaspers**. Análise Psicológica, Lisboa, v. 4, n. 19, p. 539-557, out./out. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312001000400005>. Acesso em: 17 mai. 2019.

PÓVOAS, Jorge Freire. **A má-fé na analítica existencial Sartriana**: 2005, 117 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Bahia, 2005.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS., Ernani Cesar De. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 42-60 p.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma teoria das emoções** – Porto Alegre, RS: L&PM, 2008. p. 14 – 20.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um humanismo** – 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 19 - 42.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada** - Ensaio de Ontologia Fenomenológica: 24. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2015. p. 15 - 678.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. **Sartre e a psicologia clínica**: 1. ed. Ed. da UFSC, 2011. 20 - 234 p.

VIANA, Moacir Da Cunha. **Novo dicionário escolar da língua portuguesa:** escolar da língua portuguesa. São Paulo: Didática paulista, 35 p.